



HOMOSSEXUALIDADE: QUERELA ECLESIAL

Adilson Cristiano Habowski*

Lucas Luiz Abreu Rocha**

RESUMO: O escopo do seguinte texto é expor e questionar o posicionamento e as formas dos discursos éticos e morais da doutrina religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana em relação à homossexualidade e suas prescrições de normas sob os dispositivos sexuais, colocando-os em contenda com a cultura homossexual que se arquiteta na hodierna conjuntura social e que aponta para uma revolução nos paradigmas antropológicos de uma nova percepção da sexualidade. As coevas formulações e articulações da sexualidade na sociedade põem em xeque as prescrições de que heteronormalidade e constituição familiar heterossexual são as únicas formas de vivência da sexualidade; premissa protegida pelo discurso ético-moral acastelado pela doutrina cristã. A partir de uma análise da complexidade da temática, partindo de um breve desenvolvimento sob a visão da sexualidade no campo bíblico, apresentam-se – através dos referenciais doutrinários expostos pela Congregação para a Doutrina da Fé na Declaração “Persona Humana” (1975) e nas “Considerações Sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais” (2003), os argumentos e os discursos da Igreja católica ao que tange à homossexualidade e os pontos referentes à ética sexual. Busca-se, ao fim, apontar reflexões para o desenvolvimento de uma *linguagem de reconciliação* com a moral e a ética religiosa, objetivando propor outras formas de abrangência dos discursos referenciais doutrinários presentes nos documentos pontifícios que norteiam a temática e superar as querelas que ergueram-se entre essas duas realidades: igreja e homossexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Ética. Doutrina. Catolicismo.

INTRODUÇÃO

A constituição do ser humano, suas prescrições de normas e seus referenciais identitários estão profundamente ligados aos aditivos culturais aos quais os sujeitos estão subordinados: a sexualidade, assim como a compreensão de ser humano, são vassalãs de seu tempo e “há de se afirmar que o indivíduo humano é produto de uma história e uma cultura, que neste caso requer conhecimento e

* Graduando do curso de Teologia pelo Centro Universitário Unilasalle – Canoas. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

** Graduando do curso de Teologia pelo Centro Universitário Unilasalle – Canoas. E-mail: rocha.lluiz@hotmail.com.

retificação¹”. Destarte, a coeva constituição social das identidades sexuais dos sujeitos planeia uma revolução nos paradigmas antropológicos e isso nos posiciona ante a edificação de uma nova visão ética da heteronormalidade, onde a normativa heterossexual não é mais referenciada como a única forma de manifestação sexual e, conseqüentemente, não mais comporta abranger todas as possibilidades aceitáveis de desdobramento da sexualidade que, no decorrer histórico – assim como no seu desenlace dentro do cristianismo, assumiu discursos polimorfos tanto na forma de tratar como compreender a temática.

Quando se fala da relação entre cristianismo histórico e sexualidade se alude a um tema sumamente complexo. É difícil englobar em uma afirmação unitária posições tão diversas como se deram em diferentes épocas da Igreja, e ainda dentro de cada época, nos diferentes estágios que integram o chamado cristianismo histórico. Esta complexidade do tema impede-nos de dar soluções simplistas à relação entre sexualidade e cristianismo [...] temos que confessar também o alto nível traumático que alcançou a vivência sexual dentro da Igreja².

Herdeiro de uma cultura hegemonicamente patriarcal e detentor de resquícios de diversas correntes de visões dualistas há – no cristianismo, uma grande barreira construída através dos discursos sobre a homossexualidade em linguagem teológico-doutrinal e no campo ético-moral ao longo do percurso histórico.

Foi esta, sem dúvida, a causa mais determinante da visão tradicional. Diversas doutrinas filosóficas estranhas ao cristianismo (estoicismo, platonismo, maniqueísmo, jansenismo, puritanismo, etc.) apresentaram a realidade humana como constituída de dois elementos: o espiritual e o corporal. O típico destas doutrinas é que o elemento espiritual [...] seria o bom, o nobre, o superior, o autêntico, o duradouro, o valioso. O elemento corporal seria o ruim, o ignóbil, o inferior, o falso, o perecível, o banal³.

Não obstante o ostensivo desenvolvimento histórico-cultural e interesse pela temática em ambiente religioso, os distintos discursos desta multiplicidade de sexualidades que ensaiam-se na sociedade atual ainda encontra-se em contenda com os princípios morais e éticos religiosos, sobretudo ante à moral de atitudes e virtudes pregadas pela Igreja Católica Apostólica Romana.

A homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas. Sua gênese psíquica continua amplamente

¹ FORCANO, Benjamín. *Nova Ética sexual* [Tradução de Nelson Canabarro]. – São Paulo: Musa Editora, 1996. p. 32.

² VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes 2: ética da pessoa*. São Paulo: Editora Santuário, 1979. p.385s.

³ FORCANO, 1996, p.33

inexplicada. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que “os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados⁴.

O cristianismo enraizou-se em tradições milenares consignadas em textos sagrados, situados em horizontes socioculturais bem diferentes dos atuais. Assim, vincula-se a uma suposta heterossexualidade universal, expressa no imperativo “crescei-vos e multiplicai-vos” do livro de Genesis. Parece, por um instante, que se deixa de considerar toda criação como obra da bondade de Deus e passa-se a separar as criaturas, por Ele criadas, segundo um ponto de vista absoluto. Fica no ar a questão que intriga tantos teóricos no caso: “que estranho maniqueísmo tentou desfigurar a bondade originária da obra de Deus?”⁵ Tal incógnita permeará o discurso e desenvolvimento da temática no presente texto.

ANÁLISE DE TEXTOS BÍBLICOS COMUMENTE UTILIZADOS EM CRÍTICA À SEXUALIDADE

A incitação de todo discurso reverso à homossexualidade em ambiente cristão tende a iniciar por uma leitura tendenciosa da Bíblia. Na literatura bíblica veterotestamentária – sobretudo na Torá, passa-se a articular as normas que tratariam reger o povo hebreu; destarte, a temática da sexualidade passa também a ter suas proscricões normativas bem estabelecidas e estatutariamente tuteladas. O texto levítico dedica o capítulo dezoito a tratar especificamente das proibições sexuais ao povo de Israel. Ao analisar o discurso do texto, é inevitável perceber a indubitável probabilidade de o povo hebreu ter apresentado práticas homossexuais durante o período no Egito. Pela ênfase que o autor dá à temática, percebe-se também que tais práticas provavelmente permaneceriam a existir na terra de Canaã, a ponto do sacerdócio ter de deixar claramente expostas normas de proibições desses atos, diretamente proibidos.

lahweh falou a Moisés e disse: fala aos filhos de Israel; tu lhes dirás: Eu sou lahweh vosso Deus. Não procedereis como se faz na terra do Egito, onde habitastes; não procedereis como se faz na terra de Canaã, para onde vos conduzo. Não seguireis os seus estatutos, mas praticareis as

⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000. nº 2357. p.610

⁵ FORCANO, 1996, p.395.

minhas normas e guardareis os meus estatutos e por eles vos conduzireis⁶.

O autor do texto pronuncia claramente que lahweh não quer que o povo hebreu guie-se conforme as práticas ocorrentes no Egito e na terra de Canaã. Deduz-se, assim, que as práticas “abomináveis” aos olhos de lahweh, às quais ele previne seu povo a não seguir, seriam comuns entre os egípcios e, posteriormente, entre os cananeus. Não se pode esquecer que o núcleo deste bloco trata-se de prevenir o povo a não realizar o que é habitual entre a cultura de outros povos e que os Israelitas – outrora vassallos no Egito e imersos na cultura cananeia, se ainda não haviam aderido por completo tais condutas, decerto tinham conhecimento desses atos então proibidos em seus estatutos.

Logo, duas citações bíblicas apontam que na terra de Egito – bem como em Canaã, existia a prática da homossexualidade: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação⁷” e “O homem que se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles⁸”. Se o autor levita chegou ao ponto de proibir tais condutas, é com muita probabilidade havia, mesmo que em uma pequena parcela, se disseminado.

Ele coloca proibições para que isso não ocorra no meio do povo hebreu por intermédio de Abraão, deixando claro para que os Israelitas não vivam segundo a prática no Egito. Ressalta-se que o povo de Israel ficou aproximadamente 400 anos no Egito e os textos silenciam de como era a conduta de cada um deles. Pelo fato de o autor de Levítico estar trazendo essas ordenanças é inevitável a dedução de que era uma prática comum também entre o povo hebreu, imerso nessa cultura.

O autor da narrativa deixa claro que a prática da homossexualidade era um costume e não uma lei “Não seguireis os estatutos das nações que eu expulso diante de vós, pois elas praticaram todas estas coisas e, por isso, me aborreci delas⁹”, a sua proibição era para que o povo fosse diferente daquelas culturas, onde não existiam estatutos que advertiam tais condutas ou condenavam esta prática.

⁶ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. – São Paulo: Paulus, 1985.. p. 194. [Levítico 18,1-2]

⁷ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.195 [Levítico 18,22].

⁸ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.198 [Levítico 20,13]

⁹ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.199 [Levítico 20,23].

Assim, conclui-se que as normativas somente passaram a existir após as formulações sacerdotais levíticas.

Mesmo após as proscições do Pentateuco, se considerar o seguimento histórico da literatura bíblica de forma contínua, percebe-se que no período dos Reis práticas sexuais ilícitas vieram à tona e passaram a ser severamente punidas. “Houve até prostitutos sagrados na terra. Ele imitou todas as abominações das nações que Iahweh havia expulsado de diante dos filhos de Israel¹⁰”. Em Levítico vimos que a pena para tal conduta era a morte, no entanto não encontramos no primeiro livro dos Reis que essas pessoas morreram e tinham reis que aceitavam ou negligenciavam estes costumes.

O texto do deuteronomista apresenta o retorno destas práticas no reinado de Asa em Judá “Expulsou da terra todos os prostitutos sagrados e aboliu todos os ídolos que seus pais haviam feito¹¹” e também no reinado de Josafá (870-848):

O resto da história de Josafá, as proezas que realizou e as guerras que empreendeu, não está tudo escrito no livros dos Anais dos reis de Judá? Eliminou da terra o resto dos prostitutos sagrados que ainda sobrava do tempo do seu pai Asa¹².

O novo testamento não condena a homoafetividade, apesar de certos fundamentalismos correntes. Jesus jamais disse palavra contrária a tais relações. Um dos textos neotestamentários mais relevantes à abordagem da temática é o relato de Mateus 19,10-12, na qual o evangelista sugere que Jesus reconhece alguns pontos da diversidade sexual daquela época:

Há eunucos que nasceram assim, desde o ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens, e há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda¹³.

Neste texto, Jesus afirma que nem todos estão aptos para o casamento heterossexual. Cristo explica três razões para isso: há eunucos de nascença; há eunucos que foram feitos pelos homens e os que se fazem eunucos pelo reino de Deus, ou seja, os celibatários.

¹⁰ Cf. *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.533s [1 Reis 14,24].

¹¹ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.534 [1 Reis 15,12].

¹² *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.549 [1 Reis 22,36-47].

¹³ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1985, p.1875 [Mateus 19,10-12].

Naquele tempo, certos eunucos eram intencionalmente castrados para os cargos em uma corte real, principalmente na função de guardar as mulheres, como prevenção para não oferecer algum risco sexual a elas.

O detalhe que chama a atenção no texto é o fato de Mateus fazer menção a eunucos que nasceram assim. Como pode alguém nascer eunuco? Supõe-se, aqui, que o evangelista não se refere a fatores biológicos de um homem hermafrodito. Ao dissociar os três tipos de eunucos, reconhece-se também que os “eunucos de nascença” não foram feitos eunucos; o texto deixa expresso que tais pessoas formaram-se assim desde o ventre materno, logo, não se trata de funcionários da corte, *feitos* eunucos em função de seu exercício de cargo, nem mesmo de homens que optaram pelo celibato.

Outro texto largamente utilizado para condenar a homossexualidade no Novo Testamento é de Romanos 1,23-32:

Trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis [...] Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito pelos séculos. Amém. Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recendo em si mesmos a paga da sua aberração. E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não convém: repletos de toda sorte de injustiça, perversidade, avidez e malícia [...] Apesar de conhecerem a sentença de Deus que declara dignos de morte os que praticam semelhantes ações, eles não só as fazem, mas ainda aplaudem os que as praticam¹⁴.

A idolatria é um dos temas centrais e que fica evidente pelos versículos 23 a 25. Podemos analisar que o versículo 26 inicia com a expressão “por isso”, ou seja, o que está explícito a partir desse ponto é o resultado das ações humanas descritas nos versos anteriores. Uma das práticas relacionadas aos cultos idolátricos era a prostituição cultural. Neste lugar, homens heterossexuais participavam de rituais homossexuais, o que justifica a expressão: “deixaram a relação natural com a mulher”. Os homossexuais masculinos nunca “deixaram a relação natural com a mulher”, simplesmente porque isso nunca lhes foi natural, portanto, constitui um erro utilizar Romanos para condenar os homossexuais.

¹⁴ *BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p.2120.*

POSICIONAMENTOS ECLESIAIS DE ACORDO COM A DOCTRINA PARA A FÉ

Seguindo a normativa que regeu a humanidade até então, sob a ótica de que toda a história da civilização humana é baseada no homem, na mulher e na sua prole, a sexualidade – moral e positivamente falando, deve cumprir três funções fundamentais: dualismo, complementaridade e fecundação. Este ponto de vista, como vemos, é bem determinado e respaldado no cânon bíblico. Assim o cristianismo constrói suas normativas em relação às expressões de sexualidade, levando em consideração o tripé do “dualismo, fecundidade e proliferação”.

O cristianismo normativo, ortodoxo, por onde passou, semeou uma cultura moral religiosa marcadamente monoteísta, monogâmica, falocêntrica, reprodutiva. A heterossexualidade é colocada como normativa. A homossexualidade como desvio do padrão ou da norma, transgressão sexual e erótica, aberração da natureza¹⁵.

A declaração *Persona Humana*: sobre alguns pontos de ética sexual, documento emitido pela Congregação para a Doutrina da Fé no ano de 1975, apresenta a preocupação da Igreja Católica quanto ao rigor doutrinal que deve reger a ética sexual e aponta para certa desconfiança diante dos discursos que surgiam nos planos biológico e psicológico sobre a abordagem do tema. Diante dos discursos que passaram a emergir, a Igreja passa a tomar sua posição e define “o que é que deve ainda manter como verdadeiro”¹⁶

Nestes últimos tempos, aumentou a corrupção dos costumes de que é um dos mais graves índices uma desmesurada exaltação do sexo; ao mesmo tempo, pela difusão dos meios de comunicação social e dos espetáculos, ela tem vindo a invadir o campo da educação e a infectar a mentalidade geral [...] A igreja não pode ficar indiferente diante de uma tal confusão dos espíritos e de um semelhante relaxamento dos costumes. Trata-se, na verdade, de um problema de máxima importância para a vida pessoal dos cristãos e para a vida social do nosso tempo¹⁷.

O documento atesta que em matéria moral, o homem não pode emitir juízos de valor segundo o seu alvedrio pessoal (3) e que ao propor “a concepção de modos de comportamentos contrários às verdadeiras exigências do ser humano”, revela-se a favorecer um hedonismo licencioso (1).

¹⁵ STRÖHER, Marga Janete. Estudos Bíblicos n.66: Sexualidade e Homossexualidade na Bíblia. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000. p.22.

¹⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Declaração Persona humana: sobre alguns pontos de ética sexual. 1975. n.1

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1975, n.1-2.

O documento enfatiza a importância de uma promoção verdadeira da dignidade humana em respeito da ordem essencial de sua natureza e os princípios imutáveis fundados nos elementos constitutivos das relações entre o casal (3). Assim, o documento aduz que as formas de expressão da sexualidade de ordens que antagonizam as normas prescritas pela lei natural e pela sagrada escritura são expressões determinadas de uma forma de cultura particular, localizadas em um determinado período histórico e não condizem com a mútua doação e da procriação humana (4).

A presente declaração não intenta tratar de todos os abusos da faculdade sexual [...] tem por objetivo apenas recordar a doutrina da Igreja acerca de alguns pontos particulares, atendendo a urgente necessidade de se opor a erros graves e a maneiras de proceder aberrantes, por não poucos largamente difundidos¹⁸.

Diante disso, o documento afirma que “segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos de sua regra essencial (...) condenados na sagrada escritura como graves depravações e consequência de uma rejeição de Deus” (8). A declaração atesta que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e não podem, em hipótese alguma, receber qualquer aprovação (8).

A declaração aponta também para contribuições, sobretudo na área da psicologia e das ciências humanas, para o esclarecimento e exposição de teorias para a compreensão mais aprofundada do fenômeno da homossexualidade. Atenta para a condição daqueles que encontram-se na condição da homossexualidade e/ou apresentam diversas tendências quanto às suas orientações sexuais, sejam transitórias ou definitivas.

À primeira vista, parece que a Igreja repugna fortemente a homossexualidade e os atos homossexuais em si, etiquetando-os como abomináveis aos olhos de Deus e intrinsecamente desordenados por sua falta de sentido. Contudo, apresenta-se no texto uma atitude mais flexível da Igreja quanto ao sofrimento vivenciado por aqueles que a própria orientação sexual desencadeia uma ostensiva culpabilidade e passa a ser um problema à dignidade pessoal do ser humano como ser em suas individualidades.

¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1975, n.6.

Na atividade pastoral estes homossexuais não de ser acolhidos com compreensão e apoiados na esperança de superar as próprias dificuldades pessoais e a sua inadaptação social. A sua culpabilidade há de ser julgada com prudência. No entanto, nenhum método pastoral pode ser empregado que, pelo fato de esses atos sejam julgados conformes com a condição de tais pessoas, lhes venha conceder uma justificação moral [...] não permite, porém, concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia são por isso pessoalmente responsáveis¹⁹.

Ressalta-se que o documento refere-se, em sua maior parte, aos atos homogenitais. O posicionamento da Igreja expresso nesse documento, em suma, aponta que o uso da função sexual não têm seu verdadeiro sentido e sua retidão moral senão na vivência do matrimônio legítimo, onde a prática passa a ter sua finalidade última que é através da união no amor e construção da comunidade familiar em uma estrutura que possibilite à fecundidade do casal.

O documento “Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais”, da Congregação para Doutrina da Fé, publicado em 2003, aborda de forma mais atualizada a visão da Igreja quanto ao fenômeno da sexualidade. As considerações surgiram como uma campanha mundial contra a união civil homossexual e intimidou a Igreja Católica Romana, percebendo que vários países católicos adotaram leis que regulamentam esta união. Com este desígnio decidiu alertar os políticos católicos para que se pronunciassem contrários a essa legalização. Para as autoridades da Igreja, a legalização das uniões implica na mudança e na desvalorização do matrimônio.

O documento não traz elementos doutrinários novos, apenas avigora o que a Igreja nos ensina desde sempre, munindo argumentações de atitude racional, trazendo em seu prólogo a origem, a natureza e importância do matrimônio. Trata de discorrer sobre o fenômeno da homossexualidade a partir de categorias como: “preocupante”, “desvio” e “problema”, chegando ao ponto de vista a não aceitação das adoções de filhos por parte dos homossexuais. O posicionamento da Igreja Católica é claro quanto ao matrimônio:

“O matrimônio não é uma união qualquer entre pessoas humanas. [...] Nenhuma ideologia pode cancelar o espírito humano de que só existe matrimônio entre duas pessoas de sexo diferente [...] o matrimônio é santo, ao passo que as relações homossexuais estão em contraste com a lei

¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1975, n.8.

natural [...] assim se aperfeiçoam mutuamente para colaborar com Deus na geração e educação de novas vidas²⁰.

É preciso dar-se conta que a função do casamento heterossexual não é apenas a de procriação, mas sim de ser plenamente feliz segundo seus princípios éticos e morais. Caso a função do casamento heterossexual fosse à procriação, como explicar sobre os casais que decidiram não ter filhos? Nos dias atuais, o número de casais sem nenhum filho está crescendo cada vez mais e inúmeros casais homossexuais – casados civilmente, optam por adotar crianças. Por muitas vezes as crianças que estão por ser adotadas estão em casos de vulnerabilidade social. E nesses casos, temos duas opções: deixar a criança em um estado crítico de vulnerabilidade ou adotá-las aos homossexuais. Qual seria a posição da Igreja quanto á isso?

O texto segue expondo que “os homens e mulheres com tendências homossexuais devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza” (4). O documento atesta que “Deve evitar-se para com eles qualquer tipo de injusta discriminação.” (4) É preciso fazer a seguinte pergunta: qual discriminação é justa? Em seguida, o texto nos coloca que “essas pessoas, por outro lado, são chamadas, como os demais cristãos, a viver a castidade” (4). É preciso perceber que há inúmeros benefícios através de um relacionamento sexual sadio, que não altere a ética. Quando a igreja não aceita essa realidade, é infeliz, porque há pessoas que seriam fantásticas atuando nela e se sentem recusadas.

A Igreja, segundo o documento, expõe que o “Estado não pode legalizar tais uniões sem faltar ao seu dever de promover e tutelar uma instituição essencial ao bem comum, como é o matrimônio” (6).

O texto ainda pede ao Estado para que “não exponha as jovens geração a uma visão errada da sexualidade e do matrimônio”(5). Cabe ressaltar que a homossexualidade não é um erro, mas sim uma construção de gênero. Aquilo que é tido como masculino e feminino passa a ser visto como construção social e histórica, não como sujeição natural, ou seja, são aprendidas, e modificadas ao longo do tempo e espaços históricos. A construção de gênero é um complexo de resoluções e distintivos culturais ditados por cada época. A homossexualidade, logo, é um

²⁰ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*. 2003. n.2.

fenômeno que não contesta a lei moral natural que rege a sexualidade e não coloca em perigo o efetivo matrimônio, enraizado no amor e na sinceridade.

No livro “Perspectivas sobre o homossexualismo”, escrito pela Associação Médica Católica dos Estados Unidos – aprovado por Joseph Ratzinger, dezenas de vezes tratou a homossexualidade como um “problema” e produz diversas dicas de reversão para ela, afirmando inclusive que nunca deve-se perder a esperança, podendo-se sempre encontrar ajuda dos grupos de apoio, dos terapeutas e conselheiros espirituais²¹.

UMA MUDANÇA NOS DISCURSOS EM CONSONÂNCIA COM A SOCIEDADE

Em uma era pós-moderna, caracterizada pela comutação de valores tradicionais – criadores de estigmatizadas percepções do ser humano, ensaia-se um período marcado pela revolução no paradigma antropológico e a Igreja, apesar da forte tradição e herança cultural, não poderá por muito tempo permanecer resignada, como se estivesse fechada em um “casulo ético”.

A assimilação da sexualidade pelo cristianismo histórico foi difícil. Pode-se falar de um “conflito” entre sexualidade e cristianismo; conflito que está pedindo uma “reconciliação”. Isso não impede reconhecer o papel positivo que o cristianismo desempenhou para uma reta compreensão e uma vivência não desviada da sexualidade dentro da cultura ocidental²².

Indiferentemente da roupagem à qual se utilizará o discurso da sexualidade em âmbito religioso, a Igreja deverá articular-se ante às prescrições que a cultura e a sociedade emergentes impõem, tendo de reestruturar suas elucidações e rever sua posição ante a esta realidade. Não cabe mais a preleção de que a Igreja constitui um nicho à parte da sociedade; um microcosmo que funciona independente da constituição social. A Igreja, como instituição socialmente erigida, tem vida e voz. Consequentemente, ou passará a mudar os discursos e artifícios linguísticos que fazem ouvir sua voz nas homilias e ensaios sobre a sexualidade, ou essa geração que traz uma nova perspectiva ética da temática passará a ameaçar a vida eclesial.

O que não é regulado pela geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve

²¹ ASSOCIAÇÃO MÉDICA CATÓLICA DOS ESTADOS UNIDOS. *Perspectivas sobre o homossexualismo: prevenção e esperança*. São Paulo: Quadrante, 2011. p.29.

²² VIDAL, 1979, p.385.

existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras [...] razões para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado²³.

Não se busca, aqui, insinuar a aprovação ou desaprovação da homossexualidade, mas simplesmente detectar a carga de irracionalidade que, sob esta postura, a Igreja passou a articular seu discurso. Também, de forma alguma intenta-se desestruturar toda a riqueza da formação familiar até então vigente, mas é necessário o desenvolvimento de um pensamento ético e um discurso sobre a moral cristã de forma mais inclusiva; um falar da sexualidade sem o artifício de categorias como “anomalia”, “problema”, “desvio” ou “corrupção” e passar a falar de sexualidade, dentro do campo ético-moral religioso como “uma força de libertação e autorrealização pessoal: [e que] não pode ser manipulada como fator de alienação e de aniquilação da pessoa e da sociedade²⁴”.

IGREJA E HOMOSSEXUALIDADE: UMA QUERELA QUE PRECISA SER SUPERADA

Apesar dos avanços nas formulações sobre o dispositivo sexual, a elaboração e o aprofundamento de teorias referentes ao tema nas mais distintas áreas do saber, a sexualidade – a princípio, parece ter perdido terreno na discussão dentro do campo ético-moral-doutrinal religioso. Contudo, mesmo através do silêncio e da articulação de discursos que buscam amenizar as petições eclesiais, a homossexualidade ainda é subordinada, mesmo que por elocuições mais brandas, a padrões sexistas e excludentes, arraigados por uma cultura que reprime e tenta homogeneizar o que há de mais esplêndido na humanidade: sua singularidade.

Devido a um maior liberalismo em matéria de costumes sexuais e um menor dogmatismo ético-religioso, vem ocorrendo uma maior tolerância e uma menor estranheza com referência à variedade dos comportamentos sexuais. Mas creio que essa intolerância é bastante superficial e, no fundo, não alterou a opinião poderosa e arraigada de repudiar com energia e com temor a homossexualidade: “A imagem da homossexualidade aciona muitas vezes o alarme e põe em marcha consideráveis forças contra ela, forças que ninguém pode esperar razoavelmente que não atuem violentamente²⁵”.

²³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. – 17ª edição. – Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 10.

²⁴ VIDAL, 1979, p.467.

²⁵ FORCANO, 1996, p.369

Com tudo isso, apontamos que as raízes que fazem da homossexualidade uma querela que fere a moral religiosa não está apenas nas matrizes filosóficas que estruturaram essa doutrina, mas, sobretudo – como sugeriu B. Montoya, na ameaça que ela trás à classe masculina e que progressivamente aprofunda a temática de forma repressiva.

É interessante sublinhar, como fez B. Montoya, o fundamento de onde proviria nosso secreto insulto e agressão à homossexualidade. O homossexual, não será rechaçado por sua degradação ou por seu poder de sedução, mas pela ameaça que representa à classe masculina. De fato, é ela que detém o poder na sociedade e quem determina, como valor e característica de todo o varão, o poder²⁶.

Claro, não se pode negar a forte influencia da cultura judaica sobre a proliferação e a promessa de descendência para os que são agraciados por Deus para a formulação de uma cultura da sexualidade hegemonicamente heterossexual, nem mesmo a evolução histórica e a complexidade da temática no ambiente social, mas defende-se, aqui, que o plano de fundo para todo embate entre Igreja e a homossexualidade encontra-se – também e especialmente, em uma doutrina que encontra no patriarcado as raízes de sua existência e na figura do homem – varão e responsável pela subsistência da família, um referencial de identidade insuperável, inquestionável e inabalável.

Além desses embates e da exposição dos temas que, muitas vezes, mostram-se quase de formas antagônicas, buscamos uma reconciliação a começar pelo palco dos discursos. Não se fala em abandonar valores familiares e estruturais construídos durante o tempo e que inegavelmente constituiu a forma de que a humanidade caminha até aqui, em detrimento a um grupo que cada vez mais amplia sua identidade social, mas, utilizar uma linguagem de reconciliação entre as duas realidades, desconsiderando toda carga negativa que os discursos apresentam até então e abrir as portas da Igreja – sobretudo o pensamento moral que trata da questão e nortear a moral católica em favor das diversas sexualidades e formas de expressão do ser humano, partindo da premissa de que Deus entende todas as linguagens a Igreja, povo de Deus, deve caminhar na busca constante de acolhida dos diferentes discursos como forma do falar de Deus.

²⁶ FORCANO, 1996, p.370.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MÉDICA CATÓLICA DOS ESTADOS UNIDOS. *Perspectivas sobre o homossexualismo: prevenção e esperança*. São Paulo: Quadrante, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. – São Paulo: Paulus, 1985.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Persona humana, sobre a ética sexual* (1975).

_____. *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (2003).

FORCANO, Benjamín. *Nova Ética sexual*. – São Paulo: Musa Editora, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. – 1ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

STRÖHER, Marga Janete. Estudos Bíblicos n.66: *Sexualidade e Homossexualidade na Bíblia*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes 2: ética da pessoa*. São Paulo: Editora Santuário, 1979.